



Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



A questão do imbrochável é sinal de que eu vou ficar resistindo sempre. Não adianta me atacar"

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Quem diz que eu tenho que estar lá, ou não, não é ninguém, a não ser a vontade popular. Sempre estive no meio do povo. Mesmo durante momentos difíceis, como o da pandemia"

“No que depender da Câmara, vamos buscar alternativas para isso”. E o Paulo Guedes quer taxar uma parte daquelas pessoas que ganham acima de R\$ 400 mil por mês. E taxar o que excede R\$ 400 mil, chamados dividendos, que não se paga nada (de imposto), pagar 15%. O mundo todo paga isso, menos nós aqui. Com mais esses 15% dos dividendos para quem ganha acima de R\$ 400 mil, dá para pagar os R\$ 600 de forma definitiva e, também, corrigir-se a tabela do Imposto de Renda. Está explicado de onde vem o recurso: a palavra do Paulo Guedes, a minha palavra e a do Arthur Lira. Também a dele de lutar lá dentro, que tem de passar pelo Parlamento. Vai passar, tenho certeza disso, porque ninguém vai votar contra os mais necessitados, e hoje chegamos à casa de 20 milhões de pessoas no Auxílio Brasil que ganham R\$ 600 por mês.

Como avalia a reação de adversários, que recorreram à Justiça por causa dos atos do Sete de Setembro?

O que é a política? É estar bem com o povo. Estão me acusando do quê? Estive no Sete de Setembro aqui em Brasília. Acabou o desfile, tirei a faixa e fui para dentro do povo. Olha, se qualquer outro candidato quisesse comparecer ali, não tinha problema nenhum. Não foi um ato meu, foi um ato da população, população à qual devemos lealdade. Podia qualquer outro ter comparecido, por que não foram? Pergunta para essas candidatas, uns homens também, pelo Brasil, por que não foram ao respectivo estado? Não foram. Ou seja, ignoraram a força do povo. A força não é do candidato, é do povo. Quem diz que eu tenho que estar lá, ou não, não é ninguém, a não ser a vontade popular. Sempre estive no meio do povo. Mesmo durante momentos difíceis, como da pandemia.

A revista *The Economist* fala que o senhor, ganhando ou perdendo, representa uma ameaça à democracia no Brasil. Como avalia essa questão?

O Lula assinou a carta pela democracia, mas vive de beijos com o (Nicolás) Maduro na Venezuela. Apoiou a ditadura do Daniel Ortega lá na Nicarágua. Ortega fechou rádios e televisões católicas, prendeu padres, expulsou freiras, e o Lula disse que a gente não deve se meter na política externa. É um cara que, na cadeia, recebeu a visita do (Alberto) Fernández, da Argentina. Olha para onde está indo a nossa Argentina. É um homem que fez campanha para (Gustavo) Petro na Colômbia — integrante do M19, um grupo terrorista. Quais foram as primeiras medidas do presidente da Colômbia? Liberar as drogas, soltar traficantes, abrir a fronteira com a Venezuela. Anteontem, cinco policiais foram executados na Colômbia. Começou o “nós contra eles”. Então, essas pessoas têm alguma moral para falar em democracia? Para falar que eu quero dar um golpe? Me aponte uma palavra minha, um ato meu para tentar fechar a imprensa, que o Lula falou várias vezes. Alguém tem dúvida de que o homem forte do Lula no futuro nas Comunicações seria Franklin Martins, que foi o idealizador daquele Marco Civil da Internet, lá atrás, para ser regulamentada por decreto? Aprova-se uma lei e, depois, vai ter um artigo que fala da regulamentação por decreto, em que entra o vale-tudo. Inclusive, quem é que tem desmoneizado páginas de pessoas por aí? Quem é que tem prendido deputado federal? Quem fez jornalista se exilar nos Estados Unidos? Quem está fechando e derrubando páginas de pessoas da direita? Que a esquerda não tem problema. Sou eu? Agora, quem, o tempo todo, defende a liberdade no Brasil? Sou eu.

... Que mostra que o Brasil está muito mal qualificado...

A vantagem é que não pode piorar. Parabéns, PT. O Brasil não pode piorar mais, porque estamos em últimos lugares. São 70 países. Você pega as disciplinas, que são português, ciência e matemática, somos sexagésima e alguma coisa. No somatório final, não dá o último lugar. É a política do tal do Paulo Freire: liberdade total para criança em sala de aula, você não pode tomar o telefone celular do aluno. Já tivemos, no passado, que não se pode corrigir prova com caneta vermelha, que a criança fica traumatizada.

Qual é o seu projeto para a educação?

O homeschooling não é uma solução para todo o Brasil. A gente sabe que há muitas crianças que não têm o que comer em casa, quanto mais pais e mães que tenham disponibilidade para dar formação a essas crianças, em

Palácio da Alvorada, que 1964 poderia se repetir?

Passamos por momentos difíceis no Brasil. Falei: 1822, 1935, 1964, 2016, 2018 e, agora, 2022. Quem quer chegar ao poder, quem tentou chegar pelas armas ao poder, no passado, não foi o pessoal mais da direita. Foram, exatamente, esses que estiveram sempre perseguindo o mesmo ideal: a luta pelo poder. E onde essa esquerda chegou, a desgraça chegou. Pega Cuba. Lula vivia numa boa com o Fidel Castro. Depois, vê a Venezuela, o país mais rico do mundo em petróleo. O povo venezuelano vive em uma situação de pobreza pior do que o Haiti. Você vai para a Argentina: 40% da população já está na linha da pobreza. Há poucas décadas, eles tinham o PIB (Produto Interno Bruto) maior do que o nosso. Veja para onde está indo o Chile. Se bem que o Chile deu uma segurada agora. Não valeu a Constituição que aquele cidadão queria fazer lá. Entre outras coisas, acabar com os carabineiros. Foi o que a esquerda sempre falou aqui: desmilitarizar a polícia. Sem Polícia Militar, o Brasil vira um caos. Sempre defendi a Polícia Militar, inclusive, buscando a eles o excludente de ilicitude.

A possível volta da esquerda é um retrocesso?

Alguém tem dúvida de que, se a esquerda voltar ao poder, vai voltar para valer? Olha o que o Lula fala: regulamentar a mídia, valorizar o MST, botar padres e pastores nos seus “devidos lugares”. Voltar a emprestar dinheiro do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) para as ditaduras. Que eles querem? Acabar com as escolas cívico-militares, acabar com os colégios militares. O que eles querem? O bem da população?

O senhor não esteve na solenidade do Bicentenário da Independência no Congresso. Por quê?

Eu queria, mas tinha muita gente para atender no cercadinho hoje (ontem), tinha um grupo enorme de crianças, aquela garotada do homeschooling. E o 7 de Setembro foi ontem (quarta-feira). Então, deixei a agenda política de fora e fui atender. Tinha umas 300 pessoas no cercadinho, foi um recorde hoje. Um garoto — lógico, foi orientado pela professora — falou que tem uma família do Rio Grande do Sul que está sendo pressionada pelo Ministério Público e está na iminência de entregar o filho, porque não está estudando na escola. Se tivesse uma escola de excelência no Brasil, você poderia discutir esse assunto. Mas tirar uma criança de 8, 9 e 10 anos de idade do convívio familiar para botar em uma casa de atendimento de criança, para ela frequentar uma escola pública, que, quando você faz a prova do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), aquela prova internacional de três em três anos...

... Que mostra que o Brasil está muito mal qualificado...

A vantagem é que não pode piorar. Parabéns, PT. O Brasil não pode piorar mais, porque estamos em últimos lugares. São 70 países. Você pega as disciplinas, que são português, ciência e matemática, somos sexagésima e alguma coisa. No somatório final, não dá o último lugar. É a política do tal do Paulo Freire: liberdade total para criança em sala de aula, você não pode tomar o telefone celular do aluno. Já tivemos, no passado, que não se pode corrigir prova com caneta vermelha, que a criança fica traumatizada.

Qual é o seu projeto para a educação?

O homeschooling não é uma solução para todo o Brasil. A gente sabe que há muitas crianças que não têm o que comer em casa, quanto mais pais e mães que tenham disponibilidade para dar formação a essas crianças, em

termos de português, matemática. Você soma a isso dois anos da garotada em casa. E eu falei, lá atrás, apanhei muito, porque falei que a molecada tinha de ir para a sala de aula, e dei o exemplo. Falaram que iam fechar as academias militares, Agulhas Negras e a Escola Naval. E eu falei: não fecha. E se alguém morrer? Bota a culpa em mim. E algum cadete faleceu? O jovem que faleceu, ele tinha já alguma comorbidade, algum problema sério de saúde, ou, acredite se quiser, muitas vezes, se pegava um jovem que sofreu um acidente e se botava num leito de UTI porque o respectivo hospital ganhava em dobro o dinheiro do governo para aquela UTI, em média R\$ 1 mil por dia. A UTI, R\$ 2 mil. Quando aquele jovem morria, como ele estava na UTI, entrava lá. Você ouviu, durante a pandemia, pedir UTI infantil no Brasil? Muito pelo contrário. UTIs infantis foram transformadas para UTI de adultos.

E as vacinas?

É bom falar em vacinas. Muita gente me recomenda: “Não fala em vacina”. Em 2020, não tinha vacina. E quando nós vimos o contrato da Pfizer, duas coisas que eu falei e, depois, calaram as vozes por aí. Primeiro: a Pfizer não se responsabilizava por efeito colateral. E o segundo, mais grave: vou perguntar para a Pfizer quais possíveis efeitos colaterais. Ela respondeu: “Não sabemos. Saberemos em 2023, 24 ou 25”. Quando se começou a vacinar a criança, o que a Pfizer recomendou? É a Anvisa também? Dizia ali, na recomendação da Pfizer, da Anvisa: vacina o teu filho de 5 a 11 anos e fique atenta se ele, por acaso, ter palpação, falta de ar ou outra criminalidade respiratória. Daí, te perguntava: se tiver palpação, o que eu faço para o senhor João, uma

pessoa humilde, que mora numa periferia, fazer? Vai procurar o médico. O médico vai recomendar o quê para uma criança com palpação, com falta de ar? Eu tinha muita interrogação. E não temos notícia. Raríssimas crianças perderam suas vidas. E, assim mesmo, não temos um estudo se as crianças já sofriam com a comorbidade ou não. Alguém tem dúvida de que todas as crianças pegaram covid no Brasil? Quem tem dúvida disso? Pegaram. E como se safaram? Nem souberam que elas pegaram. Inclusive, o meu governo comprou vacinas para todo mundo. A primeira vacina nasceu em dezembro de 2020. O Brasil, em janeiro, começou a vacinar. Não foi uma vacinação em massa porque não tinha vacina no mundo. E os países que fabricavam, primeiro fabricavam para os seus, depois sobrou para nós. Fizemos bons contratos e aplicamos a vacina em quem quis. Eu não exigi que ninguém tomasse vacina, está à disposição, você decide.

Se reeleito, qual é a sua prioridade? O que pretende fazer que não fez na atual gestão?

Em 2019, pegamos o Brasil com sérios problemas éticos, morais, econômicos e fizemos uma grande reforma previdência e, uma coisa importante, a Lei de Liberdade Econômica. No meu entender, isso foi uma grande vacina para questões econômicas em 2020. Não sabíamos das consequências econômicas da pandemia. Terminamos 2021, que, praticamente acabou a pandemia, com um saldo positivo de três milhões de novos empregos. No corrente ano, foram criados mais de 1,3 milhão de empregos. A informalidade, basicamente, voltou ao normal. Que outras medidas foram tomadas para que isso

pudesse acontecer? Primeiro, o potencial que tem o povo brasileiro. De reagir, de se superar, de saltar obstáculos e ir para a frente. Nós fizemos muita coisa. Durante a pandemia, dois programas, Pronampe e BEm, que evitamos que empregos fossem perdidos naqueles anos. E medidas como o Marco do Saneamento, o Marco Ferroviário, o Marco da Cabotagem, entre outras, trouxeram emprego para o Brasil.

E na política externa?

Veja a confiança que o Brasil desperta no mundo. Temos uma excelente política externa. Negociamos, praticamente, com o mundo todo. A última negociação nossa, o mundo não querendo que fôssemos para a Rússia negociar o fertilizante com o presidente Putin. Grande parte da imprensa brasileira e alguns ministros meus também não querendo. E negociamos. Os fertilizantes vieram. Garantimos a nossa segurança alimentar e a segurança alimentar de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo. Temos um agronegócio pujante.

O que foi feito para o agronegócio?

Para estimular o homem a trabalhar mais, nós botamos um ponto final nas ações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Como? Titulando terras pelo Brasil. Ele era escravizado pelas lideranças do MST. Demos dignidade a essas pessoas. A questão do armamento está sendo negociada agora. Negociado, não, que, infelizmente, uma decisão monocrática do ministro (Edson) Fachin mexeu nisso. A arma de fogo também levou paz ao campo. A propriedade privada é sagrada, quer seja apartamento, casa, chácara fazenda. Quem entra lá não pode ser recebido com flores. Isso recalcou, e muito, as ações do MST. Digo uma coisa: no governo Fernando Henrique, tínhamos uma invasão de terra por dia no Brasil. No nosso governo, passou a ser cinco por ano. No governo Lula, tínhamos 20 por mês. Passamos a ter 0,5 por mês. Isso dá mais tranquilidade.

E na infraestrutura?

O Tarcísio, por exemplo, sempre falava: da porteira para dentro, a agricultura e a pecuária vão bem, da porteira para fora, não. Entre outros problemas, o deslocamento daquilo que era produzido. Um exemplo claro: temos a BR-163 lá no Pará, onde 50km não eram asfaltados. Desde o tempo do presidente (Ernesto) Geisel. O Tarcísio, em seis meses, época que não chovia, resolveu esse problema. O pessoal levava uma semana para passar com seus bitrens naquele espaço. Agora, leva uma hora, ou seja, fizemos muito pelo homem do campo, também, não atrapalhando. Uma questão importante: as multas no campo eram uma coisa absurda, como na cidade também. Reduzimos em, aproximadamente, 90% a multagem nos campos. Por exemplo: o Porto de Santos era um problema, era um loteamento político aquilo, a vida toda. O porto de Santos dava prejuízo de R\$ 500 milhões por ano. No ano passado, deu lucro de R\$ 500 milhões. Na Ceagesp (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo), que é o maior entreposto da América do Sul, 50 mil pessoas trafegam por dia com os seus caminhões. E o que acontecia lá? Lá tinha tráfico, prostituição, corrupção, desmando, tinha de tudo lá dentro. E quem estava administrando era o grande incentivador disso tudo. Botei lá um coronel recém-saído da Rota em São Paulo. Uma mudança enorme. O pessoal tem prazer de ir para lá. Faz o negócio com tranquilidade. No passado, se cobrava para o caminhoneiro ir dormir ali com seu caminhão, não se cobra mais. E ele saneou todas as filiais da Ceagesp pelo estado.

Esse é o estilo do governo Bolsonaro?

É a maneira de você administrar que faz com que a população passe a acreditar. Mais do que isso: sinta reflexos positivos daquela administração. Não é fácil. Eu sou técnico de um time de futebol. Quem entra em campo são Paulo Guedes, Tarcísio, Marcos Pontes, entre outros. E, como técnico, por enquanto, estou tentando me manter na frente desse time, que está dando certo até o momento. Mas quem diz se vou permanecer, ou não, é a torcida, que é a população brasileira.

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), disse que avalia estar com o senhor a partir do resultado do segundo turno. Como analisa a postura dele?

Fizemos muita coisa por Minas Gerais. Sempre tive um bom relacionamento com Zema. O que aconteceu? O partido do Zema teve um candidato a presidente. Falei para Zema: “Estou pronto para me casar contigo, mas tenho de ter um palanque aí”. Ele falou: “Teria no segundo turno, caso o nosso candidato não fosse para o segundo turno”. Eu não podia ficar sem alguém para colaborar comigo em Minas Gerais. Reconheço que Zema fez um bom trabalho em Minas, não vou criticar, porque temos um candidato lá ao governo do estado, que é o senador Carlos Viana, uma pessoa excepcional. Não tenho problemas com Zema, acredito que ele não tenha comigo também, porque é uma pessoa muito leal e sincera, mas eu tenho o meu candidato lá. Se Viana não for ao segundo turno, e tiver no segundo turno Zema e o (Alexandre) Kalil, fico com Zema. Tenho certeza: se houver segundo turno entre mim e Lula, o Zema fica comigo.

Há meses o senhor tenta uma aproximação com o governador mineiro.

Eu queria que essa união, esse acordo tivesse desde o início da campanha, e não para um eventual segundo turno. Então, o povo mineiro, que trabalha em silêncio — já aprendi um pouco disso, porque eu sou mineiro de Juiz de Fora —, escolha bem os seus candidatos. Aí, estaremos juntos no segundo turno. Isso não quer dizer que estamos brigados no primeiro. Não. Eu falei para o Carlos Viana: “Entendo que o Zema fez um bom trabalho. Você quer vir candidato, tem direito e, como não houve o casamento do Zema comigo no primeiro turno, porque o partido dele, o Novo, teve um candidato, vamos fazer o possível aqui, sem atritos entre nós”. Peço a Deus que ilumine o povo de Minas Gerais, que eles bem escolham os seus representantes em todas as esferas, no Brasil e em Minas Gerais. O Zema tem um candidato ao Senado, e eu tenho outro. Não estamos brigados por causa disso.

Como está a questão aqui no DF? Está satisfeito com o governador Ibaneis Rocha? E o senhor tem duas candidatas ao Senado. Como é que fica?

Tem lá a Dona Flor e os seus dois maridos, e eu pego o inverso aqui. Se bem que não são duas esposas não, certo? Sou monogâmico, com todo o respeito, aí. Ibaneis, foi feito um acerto lá atrás, praticamente está concorrendo sozinho aqui. Acho que Ibaneis está resolvido no primeiro turno. Gosto muito da Flávia Arruda, minha ministra, e gosto muito, também, da Damares, ministra minha. Estou indeciso aqui, estou na coluna do meio nessa questão. Falo para o DF a mesma coisa que falei para Minas Gerais: “Deus ilumine vocês, para que escolham uma das duas. Mas deixar bem claro: não tem segundo turno. Uma divisação das duas poderia levar uma terceira. Se bem que acho que o quadro aqui está quase consolidado. Flávia está na frente, mas ela, como já disputou eleição, sabe que, na política, tem de batalhar até o último dia.

Leia mais na página 4